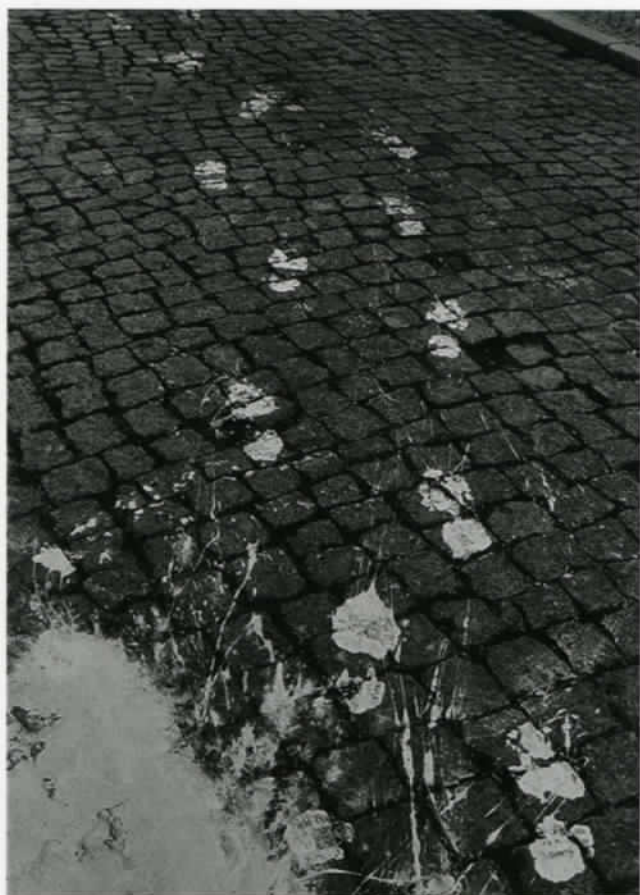


FÉRIAS NA ALDEIA



Francisco Castelo

FÉRIAS NA ALDEIA



Francisco Castelo
2023



Maqueta da Aldeia da Senhora da Senhaja do Forte existente no Museu de Lagos
imaginada e executada por Pedro Reis em 1992

Ficha Técnica

Título: Férias na Aldeia

Autor: Francisco Castelo

Género: Ficção

Coordenação Editorial: Museu de Lagos

Editor: Município de Lagos

Local de Publicação: Lagos

Data de Publicação: Junho 2023

Depósito Legal: 517316/23

ISBN: 978-972-8773-60-1

Tiragem: 200

Capa: foto de F. Castelo

Impresso por: Litográfis - Artes Gráficas, Lda.

O autor não escreve segundo o AO90

Prefácio

A Aldeia da Senhora do Forte foi criada como um organismo vivo. Como qualquer aldeia algarvia, possui gente ocupada nos seus afazeres, nas suas festas, alegrias e tristezas. Tem história. E é natural que o passar do tempo produza alterações fazendo-a mudar em relação à imaginação inicial do seu criador.

umas serão evoluções benquistas, outras deploráveis, mas todas elas produto de imaginações que plasmam a realidade.

Lagos, Junho de 2023
Francisco Castelo

Introdução

Paulo Albano Remígio nasceu na Aldeia da Senhora do Forte, mas a família cedo se mudou para Peniche, devido à ocupação profissional do pai, marítimo, que integrou a companhia de uma grande traineira naquela terra estremenha.

Agora, com trinta e tal anos de idade, visita a sua terra natal, de que apenas guarda fugazes memórias de infância. Veio passar férias na calidez da pequena terra algarvia e desse veraneio dá conta à família e aos amigos em expressivas mensagens.

Numa Terça-feira de Junho

Querida mãe, já cá estou há cinco dias. Os primos estão bem, nos setentas e muitos, mas com saúde. A casa em que vivem, que é da nonagenária Aldinha de quem eles cuidam, tem varanda que deita para a discoteca Viródisco e para a esplanada onde fazem espectáculos. Assisto às animações musicais com a presença de lindas estrangeiras em vestidos rachados de seda colorida, bebendo, rindo e dançando ao som das bandas que aqui se apresentam. São noites de encantar.

Também tenho ido caminhar pelas praias até à foz do rio. É um passeio cansativo, mas lindíssimo. Apanho berbigões e, à tardinha, abrimos na chapa do fogareiro disposto na varanda.

Costumo levar um entaladinho de chouriça, ou de carapau alimado, conduzido devidamente embuchado entre duas fatias de pão. Havendo, colho alguma fruta no arvoredor perto do rio, em terra rica de aluvião que dá boas hortas abeiradas às marismas daquele curso de água.

Anteontem, na avidez de encher o saco de *nylon* com os deliciosos berbigões decidi adoptar uma técnica rápida, mas que afinal se revelou calamitosa. Abri a boca do saco e arrastei-o pelo cabeço de areia puxando pelas asas, fazendo-o

recolher areia e berbigões em grande quantidade. Depois, para coar deixando a areia esvair-se pelas malhas do saco, agitei-o vigorosamente na água corrente. Desgraçadamente o esforço revelou-se demasiado violento e o saco desfundou-se. Os belos berbigões mergulharam logo nas águas regressando ao seu habitat no leito de areia.

Fiquei desorientado, sem saber o que fazer para salvar a mariscada que também me garantia umas moedas com a venda de uma parte. Deambulei pelas hortas vizinhas em busca de um recipiente substituto e encontrei uma velha saca de serapilheira. Regressei ao rio e, sem pressas, colhi berbigões suficientes para ocupar um terço da capacidade da saca, não fosse enchê-la e romper-se também.

Tem feito muito calor. Tento dormir de janela aberta, mas os mosquitos incomodam. Ontem à noite fui dormir para a varanda onde as sanguessugas voadoras não chateiam porque a aragem de Norte não as deixa esvoaçar. Já eram umas cinco horas da manhã quando regressei ao quarto, porque arrefecia com o sereno da noite.

E por aí, como vão as coisas? A Isabel já voltou para Lisboa com os meninos? As obras da escola ainda importunam com o ruído?

Recebe um beijinho e dá cumprimentos ao malandro do Zé Roto. Até outro dia.

Paulo

Numa Sexta-feira de Junho

Olá, mana Isabel.

Já sei que regressaste a Lisboa com os meninos. Está tudo bem por aí? O idiota do teu marido continua a emborrachar-se diariamente, ou já foi atropelado por alguma camioneta? Espero que sim.

Devias cá estar. Aqui na Aldeia é outra vida, um descanso total. Andei ao berbigão e agora tenho ido apanhar caranguejos ali à babugem. Vendo-os à vizinhança e a uma taberna que paga bem. Também tenho ido ajudar o primo a remendar redes, num armazém onde pagam à jorna. Conto receber cem escudos no fim desta semana.

Aqui há estrangeiras jovens e bonitas com fartura, conto arranjar uma que me leve para algum país rico e safar-me deste país lindo, mas miserável. E também há muitos jovens de bom aspecto, estrangeiros e portugueses. Isso é que era bom para ti, refazias a vida com alguém decente.

Recebe um abraço de teu irmão e dá beijinhos, do tio, às crianças.

Paulo

Na mesma Sexta-feira de Junho

Olá, Zé Roto, meu grande palhaço. Como estás? Gostas deste postal que te mando com fotografia de uma lasca loira encostada à rocha? Aposto que já te babas a olhar para ela.

Há duas semanas perguntei por ti à minha mãe, mas na volta do correio nada me disse. Ainda não foste preso, ó trapalhão?!

Olha, cá em casa habita uma velhota que vive no sótão e que despeja os penicos de urina pela janelinha das águas-furtadas dizendo: «Aqui vai oiro... Aqui vai oiro», esperando acertar e enriquecer algum transeunte; e ri-se muito. É tonta, mas muito rica; bem ao teu gosto, ó gandulo.

Porque não metes essas patorras a caminho e vens até ao Algarve? Há muitas enxergas e chão com fartura.

Cá te espero.

Recebe um abraço.

Paulo

Numa Terça-feira de Junho

Olá, mãe. Recebi carta da Isabel que diz que tem muita pena mas não pode aceitar o meu convite para vir até cá e trazer as crianças para gozarem um pouco de praia. O marido foi atropelado por uma mota ao sair do trabalho. Partiu os braços, tem duas costelas fracturadas e não sabe se não terão de lhe amputar o pé direito.

Que chatice para ela, coitada. Já ele pode ser que na próxima vez lhe saia um comboio em vez de uma mota. Isso é que era um encontro à medida.

Ontem exibiu-se no coreto a Banda Filarmónica Lira do Forte, mas tiveram de suspender a actuação porque passou na praça uma carroça que guinchava estridentemente das rodas. Devia ter falta de lubrificação pois produzia um trinado de notas semelhantes às do flautim da Banda, o que causou grande confusão aos músicos. Terminado o trânsito da carroça, que transportava melões, voltaram à música.

Tenho mais três postais para enviar e ainda vou à Cooperativa Agrícola comprar carolo de milho para as papas de berbigão do jantar.

Adeus.

Beijinhos do teu Paulo

Na mesma Terça-feira de Junho

Viva, Reverendo Sr. Padre Bentes.

Em resposta à sua missiva em que lamenta a minha ausência, sou a informá-lo que descobri o paraíso aqui na Aldeia. Querendo o Reverendo Padre, também pode vir passar uns dias neste estio saudável e luminoso.

Temos cá a lindíssima Capela da Senhora do Forte e a formosa Igreja do Bom Jesus dos Navegantes com belíssimas imagens da Sra. de Fátima, São Pedro, Santa Teresa, São João Baptista, Santo António, Santa Luzia e um belíssimo quadro a óleo de Jesus a acalmar a tempestade, com os apóstolos.

Há boa acomodação e o mar é tão generoso como o nosso daí, mas mais calmo.

E até podia ensinar ao pároco de cá esse truque da caixa de esmolos, sempre cheia.

Espero que goste deste postal com imagem do Santo Padre, embora com a cor um pouco desbotada pela acção do Sol no expositor dos Correios.

Receba o meu abraço e votos de saúde.

Paulo

Na mesma Terça-feira de Junho

Olá Chico, tás bom? Ouve lá, convidei o Zé Roto para vir ao Algarve, mas o trapalhão respondeu-me que não tinha via. Como tu tens motorizada, porque não vens também e dás-lhe boleia?!

Olha, se vierem, vai a casa da minha mãe e pede-lhe que mande o arrasto das conquilhas, o colchão de praia, os óculos, as barbatanas e a espingarda de caça submarina. E tragam também o meu jogo dos matraquilhos e o frigorífico pequeno, a gás, com a devida botija porque cá não há dessa marca.

Deves conseguir trazer isso tudo na motorizada, afinal de contas já transportaste dois porcos e um peru. Nessa altura o episódio rendeu-te quatro dias de cana, porque não acreditaram que tinhas encontrado a criação à beira da estrada e que removeste os animais para evitar acidentes.

Vá, mandem-se os dois por aí abaixo.

Estou à vossa espera.

Abraços.

Paulo

Numa Quinta-feira de Junho

Olá mãe, como vão as coisas por aí? As obras ao lado já acabaram? Já não há barulho?

Olha, chegou da América o primo Zé Manel e trouxe a sua noiva italo-americana. O primo quer é jogar à bola com os amigos de infância, e a coitada da italiana sente-se sozinha. Dá-me pena daqueles olhos negros, grandes e assim tristes.

Tenho ido para a praia com ela. Apanhamos pequenos peixes e ouriços nas poças de água das rochas e azucrinamos a cabeça das anémonas mexendo-lhes com um pauzinho, fazendo-as retrair os tentáculos. As anémonas têm cabeça, não têm? Quer dizer, devem ter algum tipo de cérebro numa parte do corpo. É que não faço ideia.

Sabes que convidei o padre Bentes e ele respondeu-me que não podia vir, mas que mandava aquele rapaz coxo, acólito da missa. Sabes quem é?

Recebe recomendações dos primos e beijinhos do teu Paulo.

Numa Sexta-feira de Julho

Olá, mãe. Como estás? Já chegaram os dois estarolas, o Chico das Biscas e o Zé Roto, e nesse dia, ao jantar comemos uma belíssima canja feita com os pombos que eles trouxeram.

A meio do jantar bateu-nos à porta o guarda-fiscal acompanhado pelo presidente da Sociedade Columbófila local. Tinham seguido um rasto de penas até à nossa casa. Só então percebi que os dois endiabrados tinham assaltado um dos pombais da aldeia.

Enfim, foi um enredo, com pedidos de desculpas e a promessa do ressarcimento ao dono das aves.

Bem tentámos convidá-los para a refeição, mas o homem da columbófila olhou-nos de um modo muito esquisito. Fiquei a pensar que pode ter instintos de psicopata. Nunca fiando.

O Chico e o Zé são uns autênticos malucos.

Recebe um beijinho do teu Paulo.

Numa Segunda-feira de Julho

Caro senhor Artur Ramiro Viegas

Discoteca Viródisco

Venho por este meio manifestar o desagrado dos hóspedes da casa vizinha com respeito ao estranhíssimo espectáculo que nos apresentou ontem à noite, em que actuou um homem vestido de mulher que, de início, bem enganou a assistência.

Peço-lhe, portanto, que considere melhorar a qualidade dos espectáculos que apresenta na sua casa de entretenimento, a bem da cultura local.

Muito obrigado.

Paulo Albano Remígio

Trolha desempregado

[Escrevi isto incitado pela memória dos comentários produzidos na noite anterior, naquela varanda alcandorada a camarote de Ópera: «Ó Sô Paulo, isto é muito esquisito, um homem assim entrouxado» dizia o Chico das Biscas, logo secundado pelo Zé Roto que pleiteava: «Um desavergonhado, é o que é» afadigando-se, com a unhaca adequada, a desatarraxar do ouvido uma rolha de cerúmen que o atormentava há dias: «Ó Sô Paulo, mas que coisa é esta? Uma nojice, um homem assim vestido. Uma nojice».]

Numa Quinta-feira de Julho

Exmo. Reverendo Sr. Padre Bentes, peço-lhe que não dê importância à imagem deste postal, porque de momento só tenho destes postais ilustrados, de raparigas na praia com parcas roupagens.

Dou-lhe conta da chegada do Juanito, que veio de boleia com uma família muito peculiar. Acabaram por ficar todos cá em casa, derivado a não haver vagas nas pensões. Ficam connosco durante as férias.

Hoje comemos lulas cheias e foi espantosa a quantidade que os dois adultos e as três crianças conseguiram ingerir. Enfim, que lhes faça bom proveito.

No fim da refeição o Zé Roto olhou para o rosto lambuzado do miúdo mais novo e perguntou-lhe: «Quantos meninos comeste hoje, meu petiz?», ao que o Chico das Biscas atalhou dizendo: «Oh pá, não podes perguntar isso, assim, às crianças. Agora tens de perguntar: «Quantas meninas, meninos, ou etcéteras de sexo diferente comeste hoje, meu serzinho de género definido ou indefinido, de acordo com a tua vontade e de que ninguém tem de opinar, apreciar, discutir ou criticar?!»

Isto é complicado, Reverendo Padre.

Cumprimentos e que Deus o acompanhe.

Paulo Remígio

Numa Sexta-feira de Julho

Querida mãe, como estás?

Olha, aconteceu um infortúnio. O Chico das Biscas foi detido por tentar roubar um automóvel desportivo. O carro nem deve prestar para nada; pertence a um velhote que o conserva em memória dos seus tempos de *playboy*. Cumpre o ritual diário de entrar no carro, todo aperaltado, ligar o motor e depois de duas aceleradelas e deixá-lo trabalhar por uns minutos, desliga-o e vai-se embora.

Uma vez por semana afadiga-se a lavar meticulosamente o carro e secá-lo com camurças de qualidade; mas em trajas menores, certamente para não sujar os fatos de cotelê que veste sempre.

O Chico foi imobilizado pelo calceteiro que trabalhava ali no passeio e que julgou que ele lhe cuspira em cima, verificando que no céu não passava nenhuma ave cagadoira. Mas, na verdade, fora o Juiz que expelira, do segundo andar para a rua, o gargarejo que fazia habitualmente de janela aberta, no remate das abluções matutinas.

O juiz aposentado mora no mesmo prédio do dono da viatura desportiva caduca. E o Chico foi parvo; arrancou com a viatura, mas só foi até ao final da rua. Aí, parou e saiu do veículo regressando ao local do estacionamento para apanhar a chapa de

matrícula que caíra no momento do arranque, talvez devido à violência com que batera a porta?!

Para cúmulo, vinha a passar o guarda-fiscal Rogério, acabado de sair da carpintaria Vaz e Irmão Lda., ali mesmo ao lado. Transportava uma moldura enorme e, depois de se inteirar do incidente, deu voz de prisão ao Chico. Agarrou-o firmemente com as duas mãos e assim o conduziu até ao Posto, transportando a tal moldura em volta do pescoço.

Atrás, seguia o decadente dono da carroça desportiva, gesticulando e protestando em arenga incompreensível, e o calceteiro que insistia apresentar queixa contra alguém que lhe cuspiu em cima, reiteradamente, naquela rua.

Olha, só visto. Parecia um filme do neo-realismo italiano.

Vou agora ver se safo o Chico do calabouço. Levo a jovem italo-americana com os seus olhos grandes e negros e um persuasivo *wonderbra* da Triumph. Pode ser que ajude.

Beijinhos e até depois.

Paulo

Numa Sexta-feira de Julho

Caro Manuel Faria, estou cá pelos algarves e, como sei que gostas muito de espectáculos circenses, mando-te duas fotos do Circo do Mundo, que está cá na aldeia. Mete focas, leões-marinhos, um tanque de piranhas com um escapista e até um dragão chinês muito bem produzido.

Logo no princípio a coisa esteve feia. Pretendendo obter entrada livre para os espectáculos, os nossos amigos, que bem conheces, ofereceram-se para ajudar na montagem. Desgraçadamente cometeram um erro na fixação do topo da tenda e esta, quando já estava içada, veio abaixo com uma rabejada de vento.

O dono do circo, tomado de raiva pelo estrago e pelo atraso provocado correu com os dois estroinas, perseguindo-os de chicote na mão. Até a mulher-aranha os perseguiu, agitando ameaçadoramente os pedipalpos peludos, coisa que apavorou os dois palermas, como vês pela expressão do Zé Roto quando chegou à praia, onde sabia que me encontrava. E, claro, não perdi a oportunidade de fotografar o trombil do dodivanas, mesmo sem saber o que se passava.

Recebe um abraço do teu amigo Paulo e até Outubro.

Numa Segunda-feira de Agosto

Querida mãe, anteontem, no Banho 29, fizeram o jogo da princesa moira enfeitçada nas águas que banham a aldeia e que, segundo a lenda, só se libertará do encantamento quando um jovem entrar no mar e lhe der um beijo.

Foi um regabofe com eles e elas, novos e velhos, e as crianças gritando excitadas com a escuridão e a luz das lanternas que revelava rostos surpreendidos, corpos molhados e enlances inesperados.

Depois soltaram o fogo de artifício, para incómodo dos cães que ladravam num coro a que se juntou um jumento do grupo de camponeses.

O asinino, assustado, zurrava e atirava coices a tudo o que o rodeava, e assim se perderam uns cântaros de vinho e outros bens aprimoradamente preparados para a festa. O animal só acalmou no fim da fogachada, descomprimindo do nervosismo e descarregando a tripa em cima do enorme pano de piquenique estendido no areal, exactamente quando todo o farnel estava disposto para a comezaina.

Que grande azar.

O tal jovem acólito do padre Bentes já cá está, chama-se Juanito e parece ser um moço porreiro.

Adeus, até à volta do correio. Beijinhos.

Paulo

Numa Terça-feira de Agosto

Ao senhor Cabo da Guarda do Posto da Aldeia da Senhora do Forte.

Caro senhor, serve a presente para pedir-lhe encarecidamente que liberte o sr. José Manuel Bexiga de Figueiredo Rotundo, conhecido por Zé Roto, a quem deu voz de prisão na sequência da perseguição que lhe moveu no dia de ontem, seguindo as pegadas brancas que o rapaz deixou pelas ruas da aldeia.

Saiba que o Zé pretendia pintar as paredes do Forte da Santa Defesa, por estas se apresentarem muito degradadas. O rapaz não fez por mal, e nós acabaríamos por pagar a lata de tinta subtraída dos armazéns.

Ele sempre foi muito sensível e um tanto inapto. Veja como ao saltar do paredão do armazém deixou cair a lata que se abriu e o sujou todo de tinta.

O Zé Roto teve uma infância difícil, com um pai sempre presente, deitado no sofá a ver televisão, e uma mãe sempre ausente, em várias ocupações diferentes para garantir o sustento. Operária na fábrica do peixe, depois em serões na oficina da alfaiataria Casa Agulha, apanhando malhas nas meias de vidro e os fins-de-semana passava-os em limpezas nas casas ricas da terra.

Logo em pequenino, quem o alimentava era a cadela Zorrita, que lhe empurrava o biberon pelo chão até ao local onde ele jazia emitindo os gugus e báás dos bebés; deixado, assim, à guarda de um canídeo.

E mesmo na juventude, a situação não melhorou. Era comum almoçar na cantina da escola e jantar nas traseiras de um restaurante onde, por caridade, lhe davam os restos das refeições dos turistas que disputava com os gatos do beco.

Foi uma vida complicada que o marcou muito, especialmente sensível às imperfeições do mundo. Por vezes corria atrás da camioneta do lixo transportando algum saco que a pressa dos almeidas tinha esquecido num canto de rua e não descansava enquanto não os alcançava, numa das paragens seguintes, e lhes entregava aquele lixo.

Como vê, senhor Cabo, o rapaz não é má pessoa. Além disso, comprometo-me a vigiá-lo melhor, evitando que se meta em novos sarilhos.

Apelando ao seu sentimento cristão, agradeço a compreensão.

Respeitosos cumprimentos.

Paulo Albano Remígio.

Rua do Alpendre, n.º 8

Aldeia da Senhora do Forte

Numa Segunda-feira de Agosto

Olá mãe, por cá tudo bem. E aí por Peniche?

Ontem fomos correr as praias, tomámos muitos banhos nesta água tépida da costa Sul.

Regressando a casa, encontrámos um indigente que vive debaixo de uma ponte e que responde de modo invulgar a qualquer interpelação que lhe façam. Ao perguntar-lhe se estava aborrecido, devido ao semblante abatido que apresentava, encostado a um barco carenado na rampa da praia, respondeu-me: «Nunca tive dinheiro para ter tédio à vontade».

Depois, ao perguntar-lhe: «Como se sente, no estado em que se encontra?», para minha grande decepção, que não o compreendo, retorquiu: «Não há normas. Todos os homens são excepções a uma regra que não existe».

Ora bolas. Abalei confuso e frustrado, confidenciando ao Chico, que caminhava a meu lado: «A decadência alargou-se a todos os domínios e abrange tudo», ao que ele, para minha surpresa, acrescentou: «Isto está tudo tão decadente que já nem há decadentes; agora são todos filósofos».

Olhei-o, aterrado, e acelerei o passo a caminho de casa.

Beijinhos, mãe.

Paulo

Numa Sexta-feira de Agosto

Reverendo Sr. Padre Bentes, venho informá-lo de que o Juanito, o seu acólito, partiu para Itália na companhia de uma jovem que cá estava de férias.

Andou uns dias desaparecido, e só quando o procurámos, é que percebemos que tinha partido com uma italo-americana que abandonou o noivo.

No entanto, não estou certo de que tenha ido por razões sentimentais já que por duas ou três vezes referiu que adoraria visitar Roma, vendo-se, em sonhos, no lugar de serviçal no Vaticano.

Voltará, certamente, ao perceber que os sonhos são coisa muito diferente da realidade.

Eu não me preocuparia muito com ele pois enquanto cá esteve demonstrou ser um moço muito desenrascado.

Sem mais, desejo-lhe um bom fim-de-semana.

Paulo Remígio

Na mesma Sexta-feira de Agosto

Ao Exmo. Senhor Director-geral da DGCI.

Fui recebedor, recentemente, do aviso para pagamento do IMI de um prédio que não me pertence.

Como poderia ser proprietário de tão valioso edifício situado num dos acessos mais concorridos à área costeira? Nunca comprei propriedades nessa zona.

Trata-se, certamente, de um erro.

Junto o documento e fico a aguardar que os serviços da Direcção Geral das Contribuições e Impostos corrijam esta situação.

Com os melhores cumprimentos.

Paulo Albano Remígio

NIF 330950275186

Numa Quinta-feira de Agosto

Querida mãe, segundo a DGCI fiquei proprietário de um edifício valioso situado na Estrada dos Remédios. É enorme e está bem localizado, perto do mar.

Não fosse a carta que recebi, de uma advogada daí, não acreditaria na notificação da DGCI, para pagar o IMI da referida propriedade. Aliás, até reclamei junto dos serviços. Mas, depois, enviei uma carta a pedir o parcelamento do pagamento do tal IMI, porque aquilo é uma fortuna, mãe. Disse-lhes que estou desempregado, mas que, se me arranjassem trabalho nas Finanças, poderia liquidar logo a totalidade do imposto. Quer dizer, uns meses depois, é claro. Aguardo resposta.

Segundo a advogada, herdei do Tio Ezequiel um prédio valioso, por não terem encontrado nenhum outro herdeiro nas buscas que fizeram. A mana é filha do teu segundo marido, pelo que eu sou o único herdeiro daquele irmão do meu pai.

Estou pasmado e empolgado. Aquilo deve valer uma fortuna e render bom capital sendo vendido. Já referi isso à advogada e ela disse que é muito provável. Direi mais quando souber.

Beijinhos e cumprimentos dos primos, que ainda continuam vivos.

Paulo

Numa Segunda-feira de Agosto

Caro senhor Arnaldo Encarnado, recebi a sua proposta de aquisição do prédio na Estrada dos Remédios. Confirmo o meu interesse no negócio, mas insisto no valor inicial e peço-lhe que acerte tudo com a doutora advogada que me representa, para formalizar a transacção.

Aproveito para o informar que estou na minha terra natal, uma aldeia grande, situada no Algarve, e que encontrei aqui uns lotes de terreno muito interessantes. Há umas fábricas de conservas já com pouca actividade, uns armazéns velhos e umas ruínas arqueológicas, uns amontoados de pedras sem valor.

E todos estes espaços estão muito bem localizados para implantar apartamentos turísticos. As arribas, essas, oferecem panorâmicas magníficas que os estrangeiros muito apreciam. Seguramente, pagarão bom preço por construções de luxo.

Se quiser, posso sondar alguns proprietários. Que oportunidade excepcional, caro senhor.

[Nesta altura, o Chico, que assistia à escrita da missiva, protestou sobre aquele conteúdo e tive de o elucidar: «É o progresso estúpido»]

Não esqueça o nosso negócio. Fale com a advogada. Não perca tempo.

Cumprimentos.

Paulo Remígio

Numa Sexta-feira de Agosto

Bom dia, Padre Bentes, cá recebi a sua mensagem e li quanto me dizia ou, melhor, quanto me pedia para arranjos e obras na igreja.

Mas, então, acha que vou despender dinheiro com hipocrisias, com as pataratas que apregoa para atemorizar consciências débeis? Acha que vou alimentar esses cultos da Resignação, da Divina Providência, da Justiça Divina e toda a panóplia de lérias parecidas?

Enquanto pregam os valores morais descritos nos livros sagrados e representados nos vitrais, nas pinturas e esculturas que rebrilham nas paredes dos templos, a prática é outra, manhosa e vergonhosa.

Não há pilim! Chame os seus irmãos de hábito, calcem galochas, arregacem as mangas, carreguem os tijolos; argamassem! Trabalhem!

Saudinha.

S. Paulo

PS: - O seu acólito Juanito foi preso em Turim, quando tentava assaltar a Catedral de São João Baptista para furtar o Sudário. Telefonou-me, pedindo ajuda, mas respondi-lhe que aproveitasse a estadia para inspirar aquele ar saturado de santidade. Só lhe faria bem.

Numa Terça-feira de Setembro

Olá, mãe, como estás?

Eu estou atrapalhado e a pensar seriamente em regressar aí para clarificar coisas que não estão nada bem.

Recebi uma carta da Diocese informando-me que tinham interposto uma acção contra mim pois são os legítimos proprietários do prédio da Estrada dos Remédios e disso possuem provas documentais.

Se a advogada o confirmar, acaba-se o sonho.

Entretanto, meti toda a gente na rua. Já chega de penduras na casa dos primos. Uns foram para a praia, como aquela família de cinco que se instalou numa tenda. Também, na verdade, não conseguiriam ir mais longe pois o carrinho deles gripou o motor.

Os dois estarolas ficaram no antigo canil municipal. Comida não lhes falta, basta-lhes imitar o ladrar dos cães e a vizinhança leva-lhes todo o tipo de comidas; adoram o granulado de arroz com frango.

Vou agora aos correios fazer uns telefonemas e deitar esta carta. Cumprimentos dos primos e beijinhos do teu Paulo.

PS: - O primo está com um ataque de gota, pelo que a prima tem de o levar ao colo para todo o lado. Mas não é nada de cuidado. Eles são uns velhotes muito rijos.

Numa Quinta-feira de Setembro

Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia da Senhora do Forte.

Tomei conhecimento que dois conhecidos meus terão estado na origem do incêndio que devorou totalmente o bairro do Leixão, deixando várias famílias sem habitação.

Ao que apurei, os dois energúmenos lusos encontravam-se na companhia de quatro turistas, dois jogadores de rugby neozelandeses e duas americanas que por cá passavam férias.

Parece que no seguimento de uma sessão de fumar charros, já muito afectados pelo efeito estupefaciente, terão derramado um litro de óleo de haxixe sobre um fardo de palha que se encontrava no início da rua C do Bairro. Ensopado o fardo de palha com a matéria inebriante, chegaram-lhe fogo e dispuseram-se em redor para inspirar os vapores que se libertavam.

Acontece que a palha a arder propagou as chamas aos estendais de bandeirinhas e balões de papel que decoravam as ruas do bairro. E daí aos varandins e coberturas de madeira das açoteias foi um sopro rápido que deu asas à voracidade do fogo.

Ardeu o bairro inteiro em poucas horas e nele, lamentavelmente, a casa de vossa excelência.

Sem dúvida que os culpados não se podem eximir à responsabilidade que lhes cabe, mas veja o senhor Presidente que a Aldeia que dirige ostenta cartazes gigantes nas estradas de acesso, mostrando pessoas de todas as idades exibindo largos sorrisos de contentamento - um tanto aparvalhados, diga-se - à mistura com uns círculos de energia (?) emanação do calor solar (?) e uma chuva de pétalas de flores que, pretendendo evidenciar o maravilhoso destino de vilegiaturas, mais não faz do que sugerir tratar-se de um paraíso de narcóticos, com o conseqüente convite a essa prática. Assim como existe nalguns locais da Holanda, não conhece?!

Portanto, a própria Aldeia não está isenta de culpa neste infeliz incidente.

Sugiro que peça às autoridades judiciais a condenação dos culpados a trabalhos comunitários de recuperação do casario. Parece-me uma pena adequada e justa.

Com os melhores cumprimentos.

Paulo Remígio

PS: - A Junta está a pensar vender o carvão resultante do incêndio do bairro? Se for o caso, os meus primos estarão interessados.

Num Domingo de Setembro

Querido Deus, desculpa este postal de ilustração ousada, mas é o que tenho disponível de momento. Vou deixá-lo na caixa de esmolas da Igreja do Bom Jesus dos Navegantes, esperando que o Teu filho seja um bom navegador e Te entregue a mensagem.

Senhor, agradeço-Te as dádivas com que ultimamente me brindaste, mas não Te considerasse verdadeiramente um demiurgo, criador de tudo o que conheço e tudo o que desconheço, e Ter-te-ia por um colossal humorista. O maior de todos, sem dúvida.

Agora, peço-Te que revires o fundo dos bolsos e verifiques se não terás por aí uns trocadinhos de boa sorte que me arremesses, mesmo que seja violentamente, melhorando substancialmente a minha existência?!

Era de caridade e grande manifestação de amor por uma Tua criação que deixaste a meio caminho da riqueza espiritual e, sobretudo, material.

Fico a aguardar.

Um dos teus Paulos

Ámen

Numa Quinta-feira de Setembro

Olá, mãe, cá recebi a tua carta e a informação de que os serviços municipalizados estão contratando cantoneiros de limpeza, quer dizer técnicos de recolha de resíduos sólidos e salubridade pública. Estou interessado.

Mãe, vê lá se consegues meter uma cunha àquele senhor muito gordo e barbudo, aquele que devora todos os dias uma dúzia de pastéis de nata na pastelaria Presidente, o Cunha. Ou ao cunhado dele que também mexe os cordelinhos lá nos serviços. Mas esse vai à pastelaria Princesa do Mar comer bolas de Berlim. Gulosos.

Se não for nesse serviço, poderei considerar voltar à Adega Cooperativa, talvez para colar rótulos nos garrafões. Mas o cheiro, aquele cheiro permanente do vinho, ou do mosto, eu sei lá... Naqueles dois meses em que lá trabalhei andei sempre enjoado e, quando chegava às refeições, só conseguia beber vinho se apertasse o nariz para não o cheirar. Foi mau, muito mau.

Um beijinho do teu
Paulinho

Num Sábado, em meados de Setembro

Era madrugada e o Sol ainda não revelava claramente a paisagem que a perspectiva elevada da camioneta proporcionava sobre a aldeia.

Via-se o mar, ainda escuro, aguardando o acordar do dia e o despertar do azul intenso do oceano.

A camioneta transportava duas ovelhas, amarradas junto à cabine. A caixa de carga, aberta, forrada com palha dispersa tornava a superfície razoavelmente confortável. Um oleado verde, suportado por uma grade metálica, protegia os passageiros da inclemência do Sol durante a longa jornada.

Os passageiros instalaram-se, em boleia graciosa, na camioneta que seguia para Fátima.

O Zé Roto ajoujou-se junto às ovelhas e o Chico das Biscas no lado oposto, de braços abertos descansados sobre o taipal traseiro que lhe amparava as costas. Não se falavam, devido a coisa relacionada com a evasão da cela onde tinham sido detidos no seguimento do famigerado incêndio.

Olhavam em redor, para as ruas que convergiam para o pequeno largo, receosos da chegada do guarda Rogério; não tivesse ele dado pela fuga.

O pai, a mãe e as crianças da tal família, sentados no centro da camioneta, encostados uns aos outros, envoltos em cobertores e toalhas de praia, defendiam-se do que a exposição ao ar livre poderia trazer durante a marcha da viatura: frio; chuva; insectos projectados?!

O Manuel Faria, que tinha chegado pela ferrovia no dia anterior, depois de uma irritante viagem que o obrigara a quatro mudanças de comboio, ainda não acreditava que mal chegara já ia partir. Nem tivera oportunidade de admirar o espectáculo circense que deixara a aldeia uns dias antes. Tanto que queria conhecer a mulher-aranha. Que grande infortúnio.

Eu, encostado ao taipal do lado direito, sentado confortavelmente sobre um feixe de palha que juntara previamente, observava o Universo. Lá em cima, a Lua e as estrelas morriam no céu que o astro-rei ia iluminando; cá em baixo, as ovelhas olhavam, curiosas, os estranhos companheiros de viagem.

O *chauffeur* e o ajudante tomaram os seus lugares, ouviu-se o bater das portas e, logo, o arranque eléctrico insistindo com o motor.

Com um solavanco a camioneta iniciou a viagem e, lentamente, deixámos para trás a aldeia e os derradeiros suspiros gerados pela tragicomédia festiva viva.

“As melhores férias de sempre”

Santo António

Missal de Campanha



M L MUSEU
D LAGOS